

O diálogo religioso e as novas configurações religiosas.

The religious dialogue and the new religious configurations.

Ana Luzia Caixeiro¹
leanadi@ig.com.br

Resumo

O diálogo inter-religioso pode ser visto como um desafio por depender de uma disposição real de abertura, apoiada no respeito e atenção a todos os credos, rompendo barreiras de intolerância. Embora a constituição do campo religioso brasileiro tenha se originado a partir do encontro entre tradições religiosas diversas, observa-se, por parte de alguns grupos religiosos, empenho em resguardar fronteiras. Paralelamente, porém, pode-se observar que a busca pela construção de um mundo de sentido pela formação de uma identidade religiosa – face ao contexto de pluralismo – tem levado alguns grupos, tais como a Fraternidade Cósmica Universal, a desenvolverem atividades que proporcionem a interação e o diálogo com segmentos religiosos de concepções e credos diversos.

Palavras-chave: pluralismo, diversidade religiosa, diálogo inter-religioso.

Abstract

The inter-religious dialogue can be seen as a challenge because it is based on transparency and respect to all faiths in order to break the barriers of intolerance. Although the religious constitution of Brazil was founded on the coexistence of many diverse creeds, some religious groups are committed to maintain distinct borders. Nevertheless, towards the prevailing pluralism some groups such as "Fraternidade Cósmica Universal" have developed activities that provide interaction and dialogue with different religious segments of society in a pursuit of forming a meaningful Brazil with a multi-religious identity.

Keywords: pluralism, multi-religious, inter-religious dialogue.

Introdução

Uma análise sobre o tema diálogo inter-religioso pode parecer, à primeira vista, que este seja apenas uma busca de convivência superficial e pacífica entre os diversos segmentos religiosos, suas práticas e representações. Ou ainda, uma tentativa de resposta ao, segundo Huntington, inevitável choque entre as civilizações, que leva a

¹ Mestra em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora

conflitos ideológicos, políticos e sociais, a partir da aproximação entre os povos (Said, 2000, p. 316). No entanto, Edward Said, afirma que, limites quando rigorosamente estabelecidos, impedem o globalismo benigno, que faria surgir “o trunfo mais precioso diante de tão terrível transformação da história e da tradição, um sentimento de comunidade, compreensão, simpatia e esperança” (Said, 2000, p. 336).

A partir de tais apontamentos, o diálogo inter-religioso passa, então, a ser visto como um desafio, que para acontecer de fato, dependeria de uma disposição real de abertura, apoiada no respeito e atenção a todos os credos, rompendo, assim, as barreiras da intolerância, firmadas, na maioria das vezes, sobre o desconhecimento e desrespeito ao diferente, ao ignorado.

1. A necessidade do diálogo na busca pelo sentido em um contexto plural.

A busca pela construção de um mundo de sentido e pela formação de uma identidade, particularmente de uma identidade ou identificação religiosa, nos tempos atuais – face ao contexto de pluralismo e, conseqüentemente, das múltiplas ofertas no campo religioso – tem levado alguns segmentos religiosos ao desenvolvimento de atividades que proporcionem a interação e o diálogo com outros grupos, de concepções e credos diversos.

A prática desse diálogo tende a ser concebida como uma troca de experiências entre indivíduos e comunidades religiosas que estejam dispostos a uma abertura ao conhecimento e à compreensão de diferentes formas de vivência do sagrado. Entende-se que para que tal encontro seja possível, levando a um enriquecimento mútuo de seus participantes, os envolvidos nesse processo devam estar preparados para acolher e reconhecer verdades diferentes de suas próprias, sem, no entanto, ter por meta a conversão do outro ou temer o abandono de suas convicções.

O diálogo, dessa forma, não deveria ser investido de um caráter de convencimento do outro com quem se dialoga, mas sim, ter por objetivo o acolhimento do outro. Respeitando, principalmente, o que ele apresenta de diferente e novo na sua maneira de conceber e expressar seu relacionamento com o que considera pertencente à esfera do sagrado. O respeito à identidade do outro, e à sua religiosidade, deveria ser, portanto, o elemento mais importante dessa experiência com a alteridade.

Faustino Teixeira, em seu artigo sobre os fundamentos e possibilidades para um diálogo inter-religioso hoje, aponta para a necessidade de se ultrapassar fronteiras, com sensibilidade e humildade, buscando o entendimento com o mundo do outro. Para este autor, “o diálogo inter-religioso envolve uma ampliação do olhar, uma capacidade de enxergar com largueza” (Teixeira, 2010, p. 159). E, ressalta, ainda, como uma disposição fundamental ao diálogo, “a escuta e a prontidão de aprendizado”, chamando atenção para o fato de que “o diálogo não apaga as diferenças” (Teixeira, 2010, p. 160). Assim sendo, as identidades dos interlocutores, construídas a partir de experiências espirituais no interior de sua tradição religiosa, devem ser preservadas. Faustino conclui seus apontamentos afirmando que, frente aos desafios da atualidade, gerados pela intensa comunicação entre as diversas civilizações e culturas, as religiões que “deixam em aberto a essencial tarefa de oxigenar de sentido a humanidade perdem sua relevância” (Teixeira, 2010, p.163).

2. Buscadores do diálogo.

A humanidade tem conhecido exemplos de indivíduos que buscaram a prática do diálogo inter-religioso, em todos os tempos. O indiano Mohandas Karamchand Gandhi é considerado um dos maiores buscadores do diálogo entre as religiões, por sua atuação junto aos indianos (muçulmanos, hinduístas, parses, sikhs) e os missionários cristãos, nos trabalhos realizados em benefício dos pobres e durante suas atividades pela liberdade da Índia.

A atitude de respeito, expressada por Gandhi, a todas as espécies de fé, e sua busca pela verdade contida nelas, conduzem-no a criticar a intolerância e resistir ao fanatismo. Para Gandhi, a verdade seria maior que qualquer religião e o diálogo inter-religioso, o caminho certo para harmonia entre os povos. Ele considerava que a religião de uma pessoa era uma questão entre ela e seu Criador, pois “em matéria religiosa as crenças diferem, e cada uma é a suprema para quem nela crê” (Gandhi, 2009, p.378).

Sobre o cristianismo, Gandhi dizia que no início de seu contato com alguns cristãos e da observação de sua conduta, a cada vez que perguntava a si mesmo – “o cristianismo é isso?” ouvia a resposta védica – “Neti, Neti”². Essas experiências o

² Nem este, nem aquele. Não é isto, não é aquilo.

fizeram aprofundar seus estudos sobre os diferentes credos. Durante suas inúmeras viagens teve a oportunidade de conhecer e se tornar amigo de pessoas que vivenciavam os princípios cristãos, em testemunhos silenciosos, que o encantaram.

Gandhi afirmava que a vida de Jesus, dotada de tanta significância e transcendência faz com que “ele pertença não só ao cristianismo, mas ao mundo inteiro, a todas as raças e povos, pouco importando sob que bandeira, denominação ou doutrina trabalhem, professem uma fé ou venerem um Deus herdado de seus ancestrais” (Gandhi, 1996, p.75-76).

Ao se dirigir a missionários cristãos, Gandhi os aconselhava a não terem como objetivo final de suas tarefas a conversão das pessoas ajudadas ou o enfraquecimento de sua própria fé, mas sim o exercício puro do amor ao próximo. Dessa forma, o cristianismo atrairia as pessoas de maneira irresistível, sutil e silenciosa como uma rosa atrai com seu aroma. Quanto à conversão, caso ela se desse, representaria então, o abandono do mal que existe no antigo e a adoção do bem presente no novo, evitando o mal que por ventura houvesse neste.

Em suas reuniões com cristãos, Gandhi questionava o lamentável fato de que as religiões ao invés de unir pessoas que trabalhavam juntas, levavam-nas a se separarem nos momentos de oração. Segundo seu entendimento,

A prece é a maior das forças agregadoras, contribuindo para a solidariedade e a igualdade da família humana. Se alguém consegue unir-se a Deus através da prece, olhará para todos como para si mesmo. Não haverá poderosos nem humildes, nem provincianismo estreito ou mesquinhas rivalidades linguísticas. Não haverá injustas diferenças entre tocáveis e intocáveis, hinduístas e muçulmanos, parses, cristãos ou sikhs. (Gandhi, 2001, p.20)

Ele acreditava que conhecendo verdadeiramente a religião não haveria mais barreiras entre as diferentes formas de demonstração da fé. A tolerância seria, então, uma consequência natural do sentimento comum de amor a Deus. Ser tolerante, no entanto não seria deixar de distinguir entre o certo e o errado, mas, sim, abrir-se para conhecer e entender a forma como outro se mostra.

Sendo consultado sobre o significado da oração, Gandhi esclarece que ela nada mais é “do que um intenso anseio do coração. Podemos expressar-nos através dos lábios, podemos expressar-nos reservadamente ou em público; mas, para que seja

genuína, essa expressão deve originar-se das mais íntimas profundezas do coração” (Gandhi, 2001, p.18). Para ele, o encontro com Deus e, conseqüentemente, com a verdade, só poderia ocorrer a partir do serviço aos pobres. Através desse trabalho, buscava a “auto-relização: enxergar Deus face a face, atingir o *moksha*³”.

Quando perguntado sobre como e a quem orar, Gandhi explicava que sendo O Inominado, Ele poderia ser chamado Rama, Krishna ou Deus, e desde que a oração fosse feita com humildade e a mente livre de impurezas espirituais, ela nunca ficaria sem resposta, pois Aquele que conhece a fundo todos os sentimentos, responderia sempre segundo o merecimento de cada um.

Quando não há mais esperança, quando nenhuma ajuda resolve e nada nos ampara, percebo que, no último momento, algo sempre nos salva. Não sei de onde vem essa força, mas não creio que a súplica, a oração e a fé sejam superstições. São atos mais verdadeiros que o comer, beber, andar e sentar. Não é exagero afirmar que esses atos em si são o que há de mais verdadeiro na vida e todo o resto é falso. A devoção e a prece brotam do coração; não são superficiais ou mera retórica. Ao alcançarmos a pureza do coração, num momento em que ele está ‘vazio de tudo, exceto de amor’, ao manter os sons vibrando no tom correto em nós, a prece se torna ‘doce música que se eleva aos céus’. A prece não necessita de palavras, pois seus efeitos permanecem independentes de qualquer esforço dos sentidos. Não tenho a menor dúvida de que a prece é um método infalível de purificar o coração das paixões que nos consomem (Gandhi, 2009, p.76-77).

Ao ser questionado sobre os lugares destinados a orações coletivas e da corrupção ali existente, Gandhi responde que templos, mesquitas, sinagogas ou igrejas, não importando sobre qual denominação recebessem, deveriam ser ambientes que falassem ao coração daqueles que os frequentassem. Para ele, os vícios teriam origem no coração e na consciência das pessoas e não nos espaços reservados às orações. Pois mesmo que as reuniões de oração ocorressem “ao ar livre, tendo o céu como teto e os quatro pontos cardeais como paredes, o Deus concebido por um ser humano será necessariamente limitado por uma forma, ainda que se trate apenas de uma imagem mental” (Gandhi, 2001, p.143).

Pode-se aqui apresentar ainda outros exemplos de buscadores do diálogo, de pessoas que viveram a experiência da abertura ao conhecimento do outro. Faustino Teixeira em seu artigo sobre Raimon Panikkar, um dos grandes precursores do diálogo

³ Termo sânscrito que significa liberação espiritual, a quarta meta da vida humana.

inter-religioso, registra a definição do próprio Panikkar sobre o homem religioso como “buscador e peregrino que caminha com segurança por caminhos inexplorados. Alguém que está aberto e disponível para captar a novidade do cotidiano, em cada um de seus preciosos momentos, sem deixar de lado a herança que traz em sua bagagem” (Teixeira, 2010, p.371). Para Teixeira, Panikkar pode ser considerado um virtuoso do pluralismo religioso devido à sua contribuição para o afrouxamento dos nós do etnocentrismo cristão e uma mudança de atitude – que deveria pautar-se na abertura, hospitalidade e acolhida – frente a outras tradições religiosas. Teixeira refere-se à Panikkar como alguém que

Mostrou com vitalidade e vigor que o verdadeiro diálogo requer dos interlocutores um profundo respeito e cuidado com o enigma do outro. No diálogo caminha-se sobre um “solo sagrado”, e os interlocutores devem estar desarmados para viver a dinâmica de reciprocidade de dons que esse encontro revela e traduz. Foi um grande ‘virtuoso do pluralismo religioso’, um assíduo defensor da diversidade irreduzível e irrevogável que marca o mundo das religiões. Pontuou igualmente a centralidade da dimensão espiritual para o exercício dialogal, enfatizando a importância da humildade, do despojamento e da pureza de coração para a firmação de uma nova disponibilidade de encontro autêntico com o diferente. (Teixeira, 2010, p.380)

Continuando a menção aos buscadores, poderiam ser citados ainda, Henri le Saux, monge beneditino francês que peregrinou pelo hinduísmo, Georges Anawati, cristão egípcio em seu encontro com o mistério do islã, Louis Massignon, cristão francês que inovou as reflexões sobre o mundo muçulmano, Thich Nhat Hanh, mestre zen que buscou as semelhanças entre o budismo e o cristianismo e Christian de Chergé, prior do mosteiro de Tibhirine na Argélia, que viveu e morreu para sua vocação de experiência espiritual com os muçulmanos. Todos eles, exemplos de pessoas que se dedicaram ao exercício do diálogo inter-religioso e à disponibilidade de acolher e respeitar a alteridade. Para esses buscadores, não bastava apenas o conhecimento de outra tradição religiosa, sua busca deveria ir além. Para conhecer a verdade do outro, era necessário vivê-la, senti-la em sua plenitude.

3. O diálogo no campo religioso brasileiro.

No Brasil, embora a constituição do campo religioso brasileiro tenha se originado, como já mencionado anteriormente, a partir do encontro entre tradições religiosas diversas, resultando num sincretismo singular, tal fato não parece contribuir para uma ampla abertura ao diálogo entre os diferentes segmentos religiosos que o compõem. O que se pode observar, por parte de alguns grupos religiosos, é um empenho em resguardar suas fronteiras e firmar posições de hostilidade e resistência contra outras denominações religiosas.

Vagner Gonçalves da Silva, em uma publicação de 2007, refere-se ao ataque sofrido pelas religiões afro-brasileiras por parte de representantes neopentecostais. Em seu texto, o autor aponta ainda, para um processo de ressignificação de símbolos oriundos das religiões afro-brasileiras, pelo segmento neopentecostal. Segundo ele, essa atitude poderia ser interpretada como uma estratégia para atrair fiéis, através da sugestão e suposição de que as divindades cultuadas pelas religiões afro-brasileiras seriam manifestações do demônio. Tais afirmações têm gerado conflitos que vão desde ataques verbais no âmbito dos cultos, até à agressão física aos frequentadores e aos espaços de culto das religiões afro-brasileiras. Passando também, por um trabalho de desqualificação de seus símbolos e termos, através de publicações que utilizam como exemplo, situações descontextualizadas de rituais praticados por esses segmentos religiosos (Silva, 2007, p.215).

Silva ressalta o fato de que, embora em meio a uma batalha – que alcança inclusive a esfera política – há entre esses segmentos religiosos uma semelhança de comportamento quanto ao fenômeno de avivamento religioso. E que este poderia, portanto, ser considerado um ponto comum entre duas maneiras distintas e, até mesmo, opostas de afirmação de identidades e de reinterpretações das aflições da sociedade em sua busca por um mundo de sentido.

Paralelamente a essas situações de hostilidade e conflito, pode-se observar por parte de outros grupos religiosos uma postura menos rígida. Há, atualmente, no campo religioso brasileiro, segmentos que já adotam um discurso de tolerância em relação a outras tradições religiosas. Tal atitude, ainda que não possa ser considerada como uma abertura ao diálogo, denota, no entanto, uma possibilidade de convivência harmoniosa, minimizando as situações de conflito.

A realização de encontros para celebrações, que contam com a presença de representantes de várias tradições religiosas, poderia ser considerada um avanço no exercício da tolerância. Compartilhar o mesmo espaço, ainda que por um intervalo de tempo delimitado, já representaria, ao menos, uma disponibilidade de convivência com o outro, um passo em direção ao reconhecimento de que outras formas de manifestação da religiosidade também devem ser respeitadas. Esse comportamento poderia, portanto, ser considerado como início para o estabelecimento de um diálogo.

4. Novas configurações religiosas.

A Fraternidade Cósmica Universal pode ser considerada como um exemplo de espaço destinado à prática do diálogo inter-religioso. Este grupo, em funcionamento há dez anos – com sede na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro – conta atualmente com cerca de sessenta membros efetivos e apresenta como ideal, a propagação da universalidade das religiões, a interligação e interdependência entre os diversos saberes da Religião, Ciência e Filosofia. Neste local são realizadas, semanalmente, palestras proferidas por representantes de vários segmentos religiosos, e não religiosos, que se mostrem interessados em participar das discussões promovidas durante suas reuniões e grupos de estudo. Para esses encontros, comparece um grande número de pessoas que para ali acorrem interessadas em ouvir as mensagens advindas das diversas tradições religiosas. A partir das observações das atividades realizadas pelo grupo, da participação nos encontros e das entrevistas com seus membros e visitantes, foi possível identificar que ali, diversos elementos se movem dentro de uma dinâmica de diálogo inter-religioso, de fato. Não se tratando tanto, pois, de um diálogo inter-religioso buscado como uma atividade acadêmica, mas de uma dinâmica de diálogo inter-religioso. As pessoas que ali se encontram trazem para o grupo suas histórias religiosas diversas – que permanecem diversas – ou seja, as experiências individuais que formaram suas trajetórias continuam sendo parte importante na sua relação com o sagrado. Não há, dessa forma, uma conversão ou opção por um segmento religioso, em particular. A participação nas atividades do grupo, ao não implicar numa adesão formal a uma determinada religião ou doutrina que estabeleça limites rígidos de pertença, permite que seus membros e frequentadores tenham liberdade para permanecer em suas

tradições de origem, migrar para outro segmento, ou mesclar símbolos na construção de sua própria religiosidade.

Ao abrir um espaço de acolhimento consciente de todas as opções religiosas e espirituais, a Fraternidade Cósmica Universal se dispõe a receber pessoas com necessidades diversas. Entre as pessoas que se aproximam, algumas chegam trazendo suas dúvidas e suas buscas por respostas, outras buscam a cura para suas dores físicas ou da alma, outras ainda, procuram o estudo sobre as diversas tradições religiosas. Independente da origem, trajetória e objetivo dessas pessoas, o grupo tem por princípio, acolher, reconhecer e respeitar essas particularidades. Dessa maneira, a casa procura possibilitar não apenas encontros, mas uma situação real de interação que permita uma enriquecedora troca de experiências e vivências, durante os eventos realizados.

Ainda que desprovida de um rótulo que estabeleça uma ligação entre o grupo e uma tradição religiosa, há, porém, na Fraternidade Cósmica Universal, a construção de uma ritualidade inter-religiosa própria da casa, o que pode ser evidenciado através da identificação da presença dos símbolos religiosos diversos no salão destinado à realização das palestras – como, por exemplo, os livros sagrados das diversas tradições, colocados sobre a mesa/altar; a imagem de São Francisco à frente da mesa, a cruz de São Damião, na parede em frente à plateia; as fotos de Frei Luis, Vivekananda e Gandhi, organizadas nos nichos ao lado da mesa/altar, os quadros pendurados nas paredes e os objetos pertencentes ao culto de diferentes religiões, expostos sobre as mesas auxiliares – além do ritual seguido por ocasião da realização das palestras, que envolve variações da intensidade da luz no salão, bem como do volume da música ouvida no início e ao final da reunião e das orações proferidas.

Dessa maneira, da associação entre um passado religioso, tradicional e familiar, que cada uma dessas pessoas leva para os encontros, com as múltiplas experiências que se permite vivenciar – ao participar dessa dinâmica de diálogo inter-religioso – resultaria o estabelecimento de uma identificação religiosa.

Conclusão

O exercício de se conhecer outras religiões, respeitando seu “caráter único e singular”, requer “uma dinâmica de abertura ao outro”, conforme esclarece Faustino

Teixeira escrevendo sobre Jacques Dupuis, e acrescenta: “o diálogo inter-religioso constitui espaço singular para esta experiência de “complementaridade recíproca” entre as religiões. Trata-se de um dos desafios mais importantes nesse novo milênio. Longe de significar um enfraquecimento da fé, o diálogo torna-a mais profunda convocando-a a navegar em outros espaços e a se abrir a novas e inusitadas dimensões” (Teixeira, 2008, p.16).

Atualmente, esta abertura ao conhecimento e reconhecimento de outras tradições religiosas, pode ser observada de forma concreta em movimentos e grupos religiosos, que se dispõem a promover encontros, nos quais ocorre interação dos diversos segmentos religiosos. Nessas ocasiões objetiva-se desenvolver uma dinâmica que proporcione a prática do diálogo inter-religioso.

Assim sendo, conclui-se, portanto, que o grupo Fraternidade Cósmica Universal apresenta-se como um espaço experiencial que, a partir de uma dinâmica do diálogo inter-religioso, busca reunir pessoas que se mostrem dispostas à abertura, ao conhecimento e ao respeito pela diversidade religiosa e seus membros, os representantes de uma religiosidade peregrina que se insere no contexto da pluralidade religiosa.

Referências bibliográficas

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira, religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GANDHI, Mohandas K. *A roca e o calmo pensar*. 3ª ed. São Paulo: Editora Palas Athenas, 2001.

_____. *Autobiografia minha vida e minhas experiências com a Verdade*. 6ª ed. São Paulo: Editora Palas Athenas, 2009.

_____. *Gandhi e o Cristianismo*. São Paulo: Editora Paulus, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Neopentecostalismo e Religiões Afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*, 2007.

TEIXEIRA, Faustino. *O Pluralismo Inclusivo de Jacques Dupuis*. In.: Afonso Maria Ligorio SOARES (Org.) *Dialogando com Jacques Dupuis*. São Paulo: Paulinas, 2008, pp. 153-177.

_____. *Fundamentos e possibilidades para um diálogo inter-religioso hoje*. In.: AUGUSTO, Adailton Maciel (Org.) *Ainda o sagrado selvagem. Homenagem a Antônio Gouvêa Mendonça*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010, pp. 155-166.

_____. *Raimon Panikkar: A arriscada aventura no solo sagrado do outro*. 2010. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2011/01/raimon-panikkar-arriscada-aventura-no.html>> Acesso em 01 jul. 2013.

_____. *A dimensão espiritual do diálogo inter-religioso*. Revista Tempo Brasileiro, nº 183, out/dez 2010.